

MEMÓRIA, PAN-AFRICANISMO E REVISÃO CRÍTICA DA HISTÓRIA NO POEMA "AUSTRALIDADES (NA MADRUGADA DOS SONS)", DE JOSÉ LUIS HOPFFER C. ALMADA

Ricardo Silva Ramos de Souza*

Titular da seção de crítica literária da revista acadêmica *África e Africanidades* (www.africaeaficanidades.com); autor do blog Riso - Sonhos não envelhecem - <http://ricardoriso.blogspot.com>.

A

Resumo

pertinência dos ideais do pan-africanismo para pensar a contemporaneidade da África e da diáspora. Reflexão crítica acerca da história, da representação da realidade africana e suas contradições, a rememoração do passado de opressão e injustiças aos quais foram submetidas a população negra realizada por um narrador-griot. A poesia cabo-verdiana como espaço de reformulação crítica da história.

Palavras-chave: José Luis Hopffer C. Almada; Literatura cabo-verdiana; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; História; Pan-africanismo.

Introdução

Passam-se os tempos e as mazelas à África e aos africanos perpetuam-se, metamorfoseando-se as cruéis ações a um continente que resiste com bravura a tudo o que lhe é imposto e, a par e ao cabo, negado. Entretanto, o continente africano, berço da civilização, possui uma história antiga com grandes reinos e impérios, mas que foram se desintegrando ao longo dos séculos por políticas equivocadas das suas principais lideranças. Gananciosos, submetendo-se a trocas desiguais e sem a menor preocupação em acompanhar o desenvolvimento de outros continentes e etnias, essas elites vassalas foram perdendo seu espaço gradativamente, processo que culminou com o predomínio do tráfico negreiro nas relações comerciais na época das chamadas Grandes Navegações, efetuadas pelos europeus em seu projeto imperialista.

A partir desse momento, fortalecido no século XV e de consequências devastadoras nos séculos subsequentes até a colonização europeia ao

final do século XIX, após batalhas nas quais milhões de negros foram mortos com sadismo e voracidade jamais vistas, conforme afirma o historiador Joseph Ki-Zerbo: “Nenhuma coletividade humana foi mais inferiorizada do que os negros depois do século XV” (KI-ZERBO, 2009, p. 24). Com isso, a África passou a vivenciar o seu pior período histórico quando houve a partilha territorial feita pela Conferência de Berlim (1884-1885), dando início ao colonialismo. Seguiram-se décadas de violência, racismo declarado e de pura perversidade, feita na história da Humanidade, realizada pelo homem europeu branco, que subjugou os negros africanos ao que havia de mais tenebroso na espécie humana, justificadas pelas diversas correntes de pensamento positivistas, predominantes na derradeira metade do século XIX. Ki-Zerbo esclarece essa triste passagem:

A colonização foi muito mais curta do que o tráfico negreiro, mas foi mais determinante. O colonialismo substituiu inteiramente o sistema africano. Fomos alienados, isto é, substituídos por outros, inclusive no nosso passado. Os colonizadores prepararam um assalto à nossa história. O ‘pacto colonial’ queria que os países africanos produzissem apenas produtos em bruto, matérias-primas a enviar para o Norte, para a indústria europeia. A própria África foi aprisionada, dividida, espartilhada, sendo-lhe imposto esse papel: fornecer matérias-primas. Esse pacto colonial dura até hoje. (KI-ZERBO, 2009, p. 25)

Contudo, as inúmeras etnias submetidas à brutal violência da escravidão nunca aceitaram seu destino de forma passiva. Ao longo dos séculos, rebeliões demonstraram o legítimo descontentamento dos negros até o estopim das lutas de libertação pelo fim do colonialismo e pelo, muitas vezes sangüinário, processo de independência das colônias. Todas essas revoltas e guerras deixaram heróis, líderes que marcaram sua época como Shaka Zulu, rei da etnia Zulu, que resistiu por décadas seguidas na primeira metade do século XIX na África do Sul, assim como os partícipes de ideologias como a Negritude e o Pan-africanismo, surgidas no século XX e que expunham a necessidade imediata do fim do sistema colonial.

Inspirado no supracitado líder negro, o cabo-verdiano, crítico literário, jurista e escritor José Luis Hopffer C. Almada aperfeiçoa o longo poema “Australidades (na madrugada dos sons)” para denunciar, em uma narrativa trágica e épica, a história de dor, sofrimento, resistência e glória da população negra africana e nos países da diáspora. De intensa ideologia pan-africana, este poema é o nosso objeto de análise.

Nosso objetivo é apresentar como o expoente de uma jovem literatura, a de Cabo Verde, revela as atrocidades sofridas pelos negros africanos e seus descendentes na diáspora, procurando quebrar os estereótipos e os preconceitos direcionados ao que se relaciona à África e ao homem negro, contrapondo-se à história oficial formulada pelo homem branco europeu, que delega ao negro africano um papel de coadjuvante na sua própria História. Sendo assim, procuraremos contribuir para o crescente debate de uma nova historiografia acerca do continente africano, questionando a relevância dos ideais pan-africanistas na África à luz

do século XXI e de que maneira o escritor africano participa desse processo, tornando a sua obra literária um espaço não só de criação, mas, sobretudo, de reflexão crítica da história através de uma profunda rememoração que procura reformular o passado de seus pares, conferindo-lhes a dignidade até então recusada pela ordem estabelecida.

O PAN-AFRICANISMO

O pan-africanismo recebe nosso maior interesse em razão da sua presença ideológica no poema “Australidades (na madrugada dos sons)” de José Luis Hopffer C. Almada, configurada já na epígrafe em que consta uma relação de nomes do passado cultural e de combatentes que participaram da luta pela independência de Cabo Verde, tendo em Amílcar Cabral o seu expoente máximo:

A Pedro Cardoso, Jorge Barbosa, Amílcar Cabral, Manecas Duarte, Abílio Duarte, João Manuel Varela e Mário Fonseca, in memoriam A Aguinaldo Fonseca, Aristides Pereira, José Leitão da Graça, Dulce Almada Duarte, Kaoberdiano Dambará, Ioti Kunta, Kwame Konde, Emanuel Braga Tavares e demais pan-africanistas cabo-verdianos.¹

Poema enviado por e-mail por José Luis Hopffer C. Almada para o autor deste artigo em 27 de janeiro de 2010.

A ideologia pan-africanista foi criada por intelectuais negros na diáspora, no início do século XX. Ela confunde-se com a própria história de lutas pela equiparação dos direitos civis nos EUA e depois se expande para a Europa, em países como Inglaterra e França. Posteriormente, esses ideais seriam incorporados nas lutas pela independência em toda África. Segundo o historiador cubano Carlos Moore: “dessa junção entre uma corrente repatriacionista diaspórica e a dinâmica das próprias lutas dos africanos contra o invasor europeu, surgiu uma ideologia de libertação comum – o Pan-africanismo” (MOORE, 2009, p. 34).

William E. B. Du Bois é considerado o principal idealizador do pan-africanismo, “identificado como um movimento de solidariedade entre os descendentes de africanos e africanos” (SILVA, 2001, p. 21) e foi o incentivador de vários congressos pan-africanistas e quem, “antes dos africanos, protestou contra a política imperialista na África, em favor da independência, na perspectiva de uma associação de todos os territórios para defender e promover sua integridade.” (MUNANGA, 1988, p. 36).

A partir desse momento, diversos intelectuais negros da diáspora, conotados aos ideais libertadores de Du Bois, deram prossecução ao pan-africanismo e contribuíram para sua edificação. Citamos alguns como Marcus Garvey (Jamaica), Ras Makonnen (Guiana), Aimé Cesaire e Frantz Fanon (Martinica). O desejo de libertação também se fez presente na intelectualidade africana que logo adotou e adaptou o pan-africanismo “diretamente vinculado às realidades da população autóctone” (MOORE, 2009, p. 36), na luta desigual contra o colonialismo europeu e contra as elites vassalãs submissas à dominação estrangeira. Recordamos os nomes de Léopold Sedar Senghor (Senegal), Lapiro Solanke (Nigéria) e Jomo Kenyatta (Quênia).

Apesar da mobilização dos africanos, o poderio bélico favoreceu os massacres, ou as chamadas guerras pacificadoras, de milhões de africanos durante os séculos XIX e XX, impondo assim a permanência europeia que só começou a se diluir com o enfraquecimento das metrópoles devido às crises oriundas da II Guerra Mundial. Apesar de muitas independências terem sido forçadas por causa de suas elites corruptas, criando uma situação de dependência e configurando um neocolonialismo, houve o fortalecimento de organizações políticas africanas dispostas a mudar os rumos da História como em Gana, no ano de 1957, sob a liderança do pan-africanista Kwane Nkrumah.

Contudo, as independências das nações africanas ainda viveriam à sombra dos limites geográficos impostos pela Conferência de Berlim e muitos países não se tornaram plenamente livres, com suas elites vassalas submetendo-se ao neocolonialismo. Segundo Carlos Moore:

a chamada descolonização do continente africano não o evento de emancipação total que geralmente costumamos entender. A independência política da África aconteceu num contexto de permanência da fragmentação imposta na Conferência de Berlim, agravada pelas novas fragmentações fomentadas pelas intrigas das metrópoles coloniais; foram estas as que criaram a maioria dos partidos “nacionalistas” e financiaram seus líderes. Desse modo, foram poucos os países africanos a chegar à independência com uma direção política independente e verdadeiramente pan-africanista. (MOORE, 2009, p. 41- 42)

Entretanto, Portugal, sob a feroz ditadura salazarista, retardou por mais de uma década o processo independentista, obrigando as colônias a partirem para a luta armada diante da inflexibilidade do comando português. Em ensaio, José Luis Hopffer C. Almada elucida a postura da metrópole:

Caminhos esses que já se divisavam por demais tortuosos face à intransigência de um colonialismo português, incapaz de sequer encerrar a hipótese da concessão de uma independência fictícia às suas colônias e, nessa sequência, de enveredar pela via neo-colonial nas suas relações com as possessões africanas, à semelhança das práticas das demais potências coloniais europeias. (...)

Um poder político autoritário, de feição e natureza fascistas, uma sociedade portuguesa genericamente racista e profundamente convicta e diariamente convencida da “missão civilizadora” de Portugal em África, uma esquerda metropolitana inoculada, em grande medida, com os mitos da grandeza imperial de Portugal, bem como a existência de importantes comunidades de colonos brancos em Angola e Moçambique e de importantes interesses roceiros em S. Tomé e Príncipe só podiam contribuir para o agravamento da propensão do Governo português para a intransigência anti-negocial. (ALMADA, 2008)

Depreendemos que os ideais pan-africanistas jamais foram aceitos pelas elites africanas ou pelos países coloniais que não mediram esforços para exterminar essas “nocivas” lideranças. Carlos Moore assinala que entre 1957, data da independência de Gana, e 1987, ano do assassinato do último dirigente pan-africanista, Thomas Sankara:

trinta e cinco dirigentes africanos (...) foram assassinados (...) Esses líderes, insubstituíveis em sua maioria, foram ultimados pelas potências ocidentais ou através de seus lacaios. Ou seja, nas primeiras três décadas de descolonização, o continente africano perdeu seus mais importantes e talentosos líderes; estes foram substituídos por dirigentes politicamente inexpressivos a serviço das grandes potências imperiais do planeta. (MOORE, 2009, p. 48)

José Luis Hopffer C. Almada e a heteronímia

José Luis Hopffer C. Almada nasceu em 9/12/1960, na aldeia de Pom-bal, cresceu na vila da Assomada, na Ilha de Santiago, Cabo Verde. Passou a adolescência na Cidade da Praia, capital do país, e, posteriormente, “para além da ilha”, concluiu os estudos universitários na germânica Leipzig. Essa trajetória é rememorada em seus poemas e fragmentada nos heterônimos desenvolvidos pelo poeta, também ensaísta e jurista. Participou de várias manifestações culturais em seu país. Organizou a antologia “Mirabilis – de veias ao sol” (1998). Em poesia publicou “À Sombra do Sol I e II” (1990), “Assomada Nocturna” (1993), “Assomada nocturna – Poema de NZé di Sant`y Agu” (2005), “Praianas – revisitações do tempo e da cidade” (2009). Para além de coordenador da obra coletiva “O ano mágico de 2006 - olhares retrospectivos sobre a história e a cultura caboverdianas”, é autor de inúmeros artigos e ensaios, de teor literário, cultural e jurídico, dispersos por diversas publicações cabo-verdianas e estrangeiras.

Consubstanciada por vários heterônimos e pseudônimos, a obra de José Luís Hopffer C. Almada propõe-se abrangente, de múltiplos olhares sobre si e do mundo que o cerca, procurando explorar ao extremo as diversidades formais e estéticas que a poesia possibilita. Dessa maneira, o poeta apura a sua linguagem em busca de um caminho universalizante e existencialista, assumido por sua geração que desponta contra “o mau tempo literário”² dos anos 1980, por isso o autor aqui referido é descomplexado do passado identitário literário cabo-verdiano tão fincado ao chão do caboverdianismo dos nativistas e dos hesperitanos, e da caboverdianidade dos claridosos e dos novalargadistas.

Com isso, lidamos com os nomes de Alma Dofer, Erasmo Cabral d’Almada, Dionísio de Deus y Fonteana, Tuna Furtado, Zé di Sant`y Águ, posteriormente transfigurado para NZé di Sant`y Agu. O próprio autor desvenda o amálgama heteronímico a que se faz referência, no prefácio de “À Sombra do Sol”, no qual o poeta explica a origem dos heterônimos:

Tuna Furtado sou eu, quando assaltado pela paixão de teorizar a cultura e a liberdade de criação. (...) Erasmo e Alma Dofer simbolizam a minha ascendência germânica; Tuna é o nome da única avó que conheci pessoalmente (a mãe da minha mãe); Dionísio é como se chamou o pai da minha mãe; Cabral, Furtado e de Deus são apelidos dos meus pais. Por vezes são os lugares da minha ascendência e infância que são evocados; Fonteana é o sítio onde nasceu e cresceu minha mãe; Fonteana é também o lugar de rebeldia cabo-verdiana anti-morgadio, no século passado. (ALMADA, 1990, p. 14)

Fundamental a leitura do prefácio de José Luis Hopffer C. Almada para “Mirabilis – de veias ao sol”, à compreensão das mudanças de paradigmas propostos por essa geração literária. Ressalte-se que não se configura, em momento algum, um grupo com dogmas ou doutrinas, mas uma reunião de poetas heterogêneos, cada qual com suas idiossincrasias e estilos poéticos, convergentes apenas pela produção realizada já com o país independente, excetuando Arménio Vieira.

Zé di Sant' y Agu é o seu mais encorpado heterônimo, criado em 1978, na Assomada:

Zé di Sant' y Agu é "a minha personalidade castiça e lusófona, profundamente ancorada no chão telúrico de Santiago de Cabo Verde (...), simboliza a sacralização dos elementos essenciais da nossa mitologia: os santos (em primeiro lugar, o Santo Iago (...) e a Água; a ilha, a raiz do arquipélago. Zé sou eu. (ALMADA, 1990, p. 14)

Entretanto, Zé di Sant' y Agu ganhou o acréscimo do N em NZé, "o eu forte e afirmativo, a primeira pessoa do singular cabo-verdiano"³, tornando-se NZé di Sant' y Agu e configurando assim, a sua maturidade poética, restando ao antigo heterônimo os poemas tecidos na escrita crioula. Esclarece o poeta que:

NZé di Sant' y Agu representa uma personalidade poética que se quer plenamente amadurecida e capaz de superar pelo seu aperfeiçoamento a linguagem e a escrita poéticas de Zé di Sant' y Agu, nas suas modalidades lusógrafa e crioulografa, superação essa também testemunhada pela aguda maturidade da nova "Assomada Nocturna" (ALMADA, 2005, p. 66)

Ainda temos os pseudônimos Tuna Furtado, como assina os textos críticos e culturais, que se transfigura em Dionísio de Deus e Fontana quando assina textos de ficção; Alma Dofer é o heterônimo de vertente lírica e da angústia existencial; Erasmo Cabral D'Almada é o heterônimo que possui um olhar corrosivo e amargo com uma ironia próxima do sarcasmo, é detentor de virulenta crítica social, atento aos problemas que assolam os africanos e os negros na diáspora. Logo, o heterônimo de nosso maior interesse aqui descrito pelo autor:

um olhar de longe sobre Cabo Verde bem como a auto-consideração do homem-poeta como cidadão do mundo, e, por isso, angustiado com a condição humana, com as convulsões sociais adveniente da busca da felicidade e da liberdade. A essa poesia não são estranhos os martírios dos rebeldes, dos povos e dos habitantes da diáspora. (ALMADA, 1990, p. 15)

AUSTRALIDADES (NA MADRUGADA DOS SONS): CONSCIENTIZAÇÃO HISTÓRICA

"Australidades (na madrugada dos sons)", o longo poema que se pretende aqui ser analisado, integra o germinal projeto literário de Almada iniciado em Leipzig (Alemanha) durante os anos 1980. Próximo ao processo que transformou o poema "Assomada nocturna", publicado no seminal "À Sombra do Sol", em duas edições⁴ independentes e ampliadas por novos versos a cada lançamento, "Australidades (na madrugada dos sons)" também tem sua origem no livro de estreia do autor, sob o enigmático título-verso "Na madrugada dos sons" (ALMADA, 1990, p. 89) inserido no caderno "Neve encharcada de sol ou a madrugada da neblina", atribuído a Erasmo Cabral d'Almada.

Essa mudança é explicada com detalhes em depoimento do autor à Maria Armandina Maia, no posfácio "Assomada nocturna: quando o passado re-escreve o futuro". In: ALMADA, José Luis Hopffer C. **Assomada nocturna** (Poema de Nzé di Sant' y Agu)". Viana do Castelo: Câmara Municipal Viana do Castelo, 2005. p. 66. Edição digital enviada pelo poeta a este autor.

A primeira edição de Assomada Nocturna foi publicada em 1993, enquanto a segunda edição novamente ampliada deu-se em 2005.

Referimo-nos ao prefácio de Inocência Mata e ao posfácio de Maria Armandina Maia constantes da segunda edição de *Assomada Nocturna* – Poema de NZé dy Santy' Águ; e ao posfácio de Rui Guilherme Gabriel à primeira edição de *Praianas* – Revisitação do Tempo e da Cidade.

“É pela metaforização do discurso / que se salva o pensamento”. VIEIRA, Arménio. *Poemas*. São Vicente: Ilhéu Editora, s/d. p. 9.

Expressão alcunhada por Inocência Mata em seu prefácio “Corografias da memória: a lenta e transparente poética de NZé di Sant' y Águ” à segunda edição de *Assomada Nocturna*.

À análise de “Australidades (na madrugada dos sons)” torna-se imperioso retomar algumas características de outro heterônimo de Hoffer Almada, NZé di Sant' y Agu, em razão das semelhanças formais e estéticas contidas em “Australidades”, sendo conveniente recuperar importantes considerações de Inocência Mata, Maria Armandina Maia e Rui Guilherme Gabriel que deixaram uma acurada fortuna crítica⁵ acerca da produção poética deste heterônimo. Análogo aos dois poemas de NZé di Sant' y Agu, “Australidades” encontra-se em permanente transformação, sofrendo alterações e/ou acréscimos de versos desde o limiar da trajetória literária do autor.

Valendo-se de procedimentos consagrados pelo labor poético de seu heterônimo mais vinculado às ilhas, a tessitura de Erasmo Cabral d'Almada para este “Australidades” recorre à constante, numerosa, exuberante e visceral adjetivação e ao uso intenso do gerúndio; à dilatada citação de pessoas, fatos e lugares; à apropriação de versos, textos críticos e de diferentes referenciais ao corpo do poema; ao uso da anáfora e da evocação; ao caráter trágico e épico da história africana permeado por uma virulenta lembrança individual e coletiva, além da maturidade plena de sua escrita em uma cuidadosa depuração da palavra revelada na exuberante “metaforização do discurso”⁶, como versou o poeta maior, Arménio Vieira.

Apossado das características de NZé di Sant' y Agu, a veia corrosiva de Erasmo Cabral d'Almada segue a máxima de Amílcar Cabral que propõe a “reafricanização dos espíritos” ao exortar ácidas críticas ao passado opressor vivenciado pelos negros na África e na diáspora. Sendo assim, o sujeito lírico recorre à narrativa épica para apresentar a dolorida história dos negros, posto que o épico favorece os complexos e os profundos acontecimentos que serão descritos, pois “o canto que brota dessa cosmovisão totalizante é muito dele, poeta, mas também de toda a gente, de seu povo, de toda a Humanidade (...) pela profunda universalidade decorrente” (MOISÉS, 1968, p. 63).

Através da lembrança, o sujeito lírico, tal como um *griot*, relembra as trágicas passagens de dor dos negros ao longo dos séculos e evoca o bravo guerreiro, Shaka, rei dos Zulus, “ó grande monarca negro / ó imperador dos bantus meridionais” (ALMADA, 2010, p. 16), para relatar a história negligenciada nos registros oficiais por aqueles que pretendem perpetuar as trevas da opressão. A dramaticidade dos fatos é pontuada pela angustiante anáfora “Na madrugada dos sons / não posso esquecer / shaka / os séculos passados / sobre a tua inconclusa guerra / e a opressão durando” (ALMADA, 2010, p. 4), de caráter imperativo, preâmbulo de tristes momentos históricos relatados com o auxílio de uma crua e cruel adjetivação dos acontecimentos que aqui destacamos: “na surpreendida devastação das máscaras” (ALMADA, 2010, p. 3), “na lenta germinação dos furacões” (ALMADA, 2010, p. 13), “os olhos rurbanos e ressequidos das criaturas / e as suas almas mutiladas no lento definimento / dos sonhos” (ALMADA, 2010, p. 24).

Incentivado por uma teatral dialogia⁷, esse monólogo conduz a um profundo mergulho ao passado para resgatar, para o tempo presente, todas as injustiças de tempos idos, e assim reforçar a importância da união dos povos africanos, de certa maneira, recuperar os ideais pan-africanistas, pois, segundo Ki-Zerbo:

Na África, cada vez que se tentou fazer uma reforma micronacional de um sistema, houve um fracasso. Todas as tentativas micronacionais de libertação da África (...) fracassaram, em grande parte, porque foram solitárias e não solidárias. Penso que se deveria colocar como postulado a fórmula seguinte: a libertação da África será pan-africana, ou não será. (KI-ZERBO, 2006, p. 35-36).

Por isso, ciente de que “a poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos (...). Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia” (BOSI, 1977, p. 146), e compromissado com seu ofício, Hopffer Almada afirma que:

A memória é um lugar onde se podem resguardar muitas vivências e ocorrer muitos milagres. Lugar de refúgio e de ancoragem, pode por outro lado ser constantemente reencenado nos termos propostos pela imaginação e pelo engenho do criador que se propõe revisita-la. (...)

Contra a amnésia (deliberada e induzida) há que contrapor a memória e as suas revisitações.

(...) A interpretação do passado mediante o discurso científico não substitui todavia o que ao poeta, ao escritor e ao artista da palavra compete: criar emoções e comoções presentes com o olhar debruçado sobre as circunstâncias e os afectos dos nossos antepassados, reencenados no palco imaginário da nossa memória e da nossa genealogia.(ALMADA, 2009, p. 2-3)⁸

Entrevista de José Luis Hopffer C. Almada ao semanário *A nação* (Cabo Verde) n° 92, p. 2-3, gentilmente enviada pelo Prof. Rui Guilherme Gabriel (Coimbra/Portugal) para o autor deste artigo em 30/11/2009.

Com isso, o sujeito lírico resgata os problemas que o continente africano vivenciou ao longo dos séculos, como a presença opressiva dos árabes e da influência do islamismo em um período anterior ao contato com os europeus. É pertinente recordar o que relata Carlos Moore:

‘tráficos negreiros’ começaram antes do século IX d.C., bem antes que os europeus pensassem em sair da Europa. No século XVI, quando se inicia o tráfico pelo Atlântico, já haviam saído da África, para serem escravizados no Oriente Médio e na Ásia Meridional, dezenas de milhões de africanos. (MOORE, 2009, p.36)

Valendo-se de uma poética virulenta, corrosiva e irônica, o sujeito lírico repassa essa triste presença em viscerais adjetivações e metáforas:

e a opressão durando
com a implacável irrupção dos cavaleiros pardos (...)
ofensas e versículos sagrados em punho
de cabeças cobertas de turbantes tisnados
do religioso fervor dos apóstolos do apocalipse
do ímpeto purificador dos guardiães dos paraísos
terrestres e celestes das intocadas virtudes
das suas setenta e duas virgens nuas e sentadas
isentas de todos os pecados excepto dos que são

lícitos à concupiscência dos senhores dos haréns (...)
das súplicas à piedade dos noventa
e nove nomes de deus todo-poderoso
de allah o muito misericordioso (...)
(ALMADA, 2010, p. 6-7)

As críticas ao catolicismo são contundentes, assim como a outras religiões que chegaram à África, esmagando as religiosidades autóctones em um violento processo de assimilação, como na passagem abaixo:

e a opressão durando
com as inúmeras conversões
de negros pagãos e animistas de brancos bárbaros
e politeístas de castanhos cultores do natural cromatismo
das plantas do canto diverso das aves de jeová da cruz (...)
versados nos caracteres amáricos da bíblia sagrada
nas letras coptas da palavra de deus nos hinos evangélicos
dos pastores protestantes nos cânticos dos padres e das
procissões aos santos padroeiros católicos (...)
da blasfêmia da penitência e do arrependimento
devidos às rezas fingidas nas missas católicas
e no seu arrevesado e inacessível latim (...)
à bíblia desafecta do sermão da montanha
da parábola do bom samaritano do amor ao próximo
da aceitação dos humanos pecados da carne do perdão
(ALMADA, 2010, p. 9-10)

O sangrento processo dos tráficos negreiros e a ocupação europeia “nunca teve paralelo na história da Humanidade. Simplesmente, se tratou de um genocídio racial” (MOORE, 2009, p. 33) legitimado de forma voraz pela ocupação da África, após a Conferência de Berlim, em razão da abominável justificativa da inferioridade natural dos negros – a suposta incapacidade inata desses para seu autogovernar e a consequente necessidade, para o Ocidente, de salvar os negros de si próprios são denunciadas pelo sujeito lírico, que se contrapõe aos perigosos revisionismos que procuram minimizar a tragédia que foi a presença europeia em África:

imponentes marcos para a delimitação do território
e das terras da fronteira das recém-conquistadas
colônias europeias dos chãos tribais dos sobados
reinos e impérios negro-africanos subjugados
em longas e mortíferas guerras coloniais
de ocupação ditas de pacificação
(ALMADA, 2010, p. 15)

A ironia de Erasmo Cabral d'Almada é favorecida pelos detalhes narrados nas longas estrofes, pelas imagens inovadoras e surpreendentes versadas pelo sujeito lírico que dilaceram o discurso estabelecido pelo opressor. Somente uma verve irônica para combater as mentiras da longa noite de dor, como na passagem referente à presença do homem branco na Rodésia:

enquanto os zimbaboers
lamentam a lendária ingratidão dos cafres
o seu previsível desperdício dos muitos benefícios
da civilização branca e ocidental
a sua provável delapidação das muitas aquisições
da cultura cristã e segregacionista
o seu provável esquecimento das cláusulas
do bom senso das normas democráticas
da boa governação respeitadora da propriedade
privada dos ditames da monogamia da bíblica
(ALMADA, 2010, p. 32)

A violenta ação dos boers na antiga Rodésia foi tão abominável quanto o apartheid imposto pelos “antiquíssimos afrikanders” na África do Sul. O sujeito lírico denuncia as novas escabrosas parcerias, “os novos e escuros inquilinos / da insaciável celebração da luxúria” (ALMADA, 2010, p. 33). A revolta se apodera diante das novas expressões faciais/raciais da permanente extração dos recursos minerais em solo sul-africano:

enquanto os settlers
e os seus novos rivais negros
e os seus novos sócios indígenas
e os seus outros parceiros
e os seus outros contendores
radicados na nómada apatridia do lucro (...)
e sua frenética e impune mercancia
da mão-de-obra barata das minas de ouro
de carvão de diamante de cobre de cobalto
(ALMADA, 2010, p. 34)

A metamorfose ininterrupta da opressão escancara a fragilidade dos recentes estados africanos, à mercê do neocolonialismo e das políticas externas impostas pelos países desenvolvidos que manipulam os valores democráticos, submetidos a interesses estrangeiros, escusos, nefastos e corruptos:

e a opressão metamorfoseando-se
com a ávida aprendizagem

dos morosos trâmites do voto livre (...)
miraculados das urnas do escrutínio (...)
das vozes lúcidas das vozes despertas
das vozes soberanas do povo
amiúde armadilhadas assaltadas
sequestradas conspurcadas
desperdiçadas pelo rosto corrupto
da astúcia da farsa da fraude
do tráfico de consciências
(ALMADA, 2010, p. 39)

Entretanto, é “na rememoração do tempo e da penumbra do áfrico continente” que o sujeito lírico lembra a Shaka, a história primordial da sofrida terra, recorre aos “passos primevos das primeiras criaturas humanas / assinaladas pelos umbigos dos homínídeos seus antepassados” e àqueles que foram obrigados a sair pelo mundo em razão do tráfico negreiro, formando a diáspora africana: “e dos seus bustos transfigurados / do outro lado do atlântico do índico / do mediterrâneo do oceano pacífico / e dos seus pés transplantados / para as ilhas dispersas no oceano-mundo”; para assim chegar nos tempos de guerra colonial e o desejo inalienável de libertação, conduzidos por líderes de um passado distante e de grandes nomes do século XX, incentivados pela:

resiliência da palavra livre
e da frente insurrecta
das sombras alevantando-se
tais espíritos vingadores de aníbal e amílcar barca
tais guerreiros
de samory e menelik (...)
de tempos outros de rostos outros
para a edificação da pátria e da esperança
(ALMADA, 2010, p. 45)

As revoltas dos negros à opressão colonial trariam novos rumos à horripilante experiência colonial. De forma criativa, o sujeito lírico cita livros de literatura de autores africanos de língua portuguesa, como Agostinho Neto e o seu poema “Sagrada Esperança”. Vale frisar as recriações, a partir de paráfrases como “carnívoras elegias do passado”, referindo-se ao “Vinte e tal reformulações do amor e uma elegia carnívora” de Luís Carlos Patraquim, assim como as citações aos slogans políticos que convocavam a população a participar da luta pela libertação e a posterior reconstrução com a independência: “tudo pela revolução, nada contra a revolução” e “tudo pela nação nada contra a nação” (ALMADA, 2010, p. 25).

O sujeito lírico desmascara as ajudas humanitárias internacionais e propagadoras da miséria permanente nos países africanos, “das suas

humanitárias remessas / de solidariedade e caridade cristã / expropriadas pelos novos cúmplices / da plutocracia nômada e transnacional” (ALMADA, 2010, p. 26). Para combater a situação vigente, Carlos Moore, conotado ao pensamento pan-africano, propõe uma nova forma de auxílio aos países africanos a ser realizado pela sociedade civil na diáspora, pois, como afirma a “Diáspora esteve condenada a pensar sua própria libertação e a pensar, paralelamente, a emancipação do continente africano; não havia outro via. Acredito que essa obrigatoriedade continue sendo vigente hoje” (MOORE, 2009, p. 61), porque, os países africanos ainda são representados por “políticas que conflitam com os interesses de seus povos” (MOORE, 2009, p. 59), sendo assim:

é necessário o estabelecimento de uma relação profícua Diáspora-África (...) no sentido de que deve haver equivalência entre os dois parceiros: sociedade civil das diásporas e sociedade civil africana (...) representada por aquelas organizações democráticas e pelos intelectuais pan-africanistas que estão lutando, em condições tremendamente difíceis, para fazer avançar a causa da justiça social e a democracia política nos diferentes países da África” (MOORE, 2009, p. 59)

“Vem até mim / nesta noite de vendaval na Europa / pela voz solitária de um trompete / toda a melancolia das noites de Geórgia; / oh! mamie oh! Mamie / embala o teu menino / oh! mamie oh! mamie / olha o mundo roubando o teu menino. // Vem até mim / ao cair da tristeza no meu coração / a tua voz de negrinha doce / quebrando-se ao som grave / dum piano / tocando em Harlem: / – Oh! King Joe / King Joe / Joe Louis bateau Buddy Baer / E Harlem abriu-se num sorriso branco / Nestas noites de vendaval na Europa / Count Basie toca para mim / e ritmos negros da América / encharcam meu coração; / – ah! ritmos negros da América / encharcam meu coração! / E se ainda fico triste / Langston Hughes e Countee Cullen / Vêm até mim / Cantando o poema do novo dia / – ai! os negros não morrem / nem nunca morrerão! // ...logo com eles quero cantar / logo com eles quero lutar / – ai! os negros não morrem nem / nem nunca morrerão!” (DASKÁLOS, 2003, p. 268-269)

Francisco José Tenreiro nasceu em 1921 na Ilha de São Tomé, faleceu em Lisboa, em 31/12/1961. Participou ativamente dos movimentos literários e políticos da Casa dos Estudantes do Império. Foi um dos idealizadores do Centro de Estudantes do Império, de atividade clandestina. Para além de poeta, foi ensaísta e investigador, com escritos em jornais e revistas nacionais e estrangeiros. Obras: Ilha do Nome Santo (1942); Obra Poética de Francisco José Tenreiro (1967); Coração em África (1977). Organizador com Mário Pinto de Andrade do caderno Poesia Negra de Expressão Portuguesa (1953)

A RESISTÊNCIA “ECOANDO NAS PALAVRAS DO POETA DA ILHA DE NOME SANTO”

Após tantas desilusões com o ininterrupto sofrimento submetido à população negra africana, o longo poema agiganta-se com o recurso da intertextualidade que permite a renovação dos ideais pan-africanos pela voz firme desse sujeito lírico-griot reformulando as forças dos heróis míticos cabo-verdianos da batalha do Monte Agarro: “exumando as sombras escuras / de matias pereira e de outros valentes / de julangue dos companheiros / de gervásio domingos e narciso / das suas silhuetas nítidas / atalhadas na noite de monte-agarro” (ALMADA, 2010, p. 45).

O sujeito lírico utiliza a narrativa corrosiva como “lâminas afiando-se / nos tempos contemporâneos” para evocar a resistência dos povos africanos “nas palavras / do poeta da ilha de nome santo / nas penas do seu coração negro / de origens mistas ancorado em África / os negros não morrem os negros / não morrerão nunca os negros” (ALMADA, 2010, p. 46). Os versos destacados inspiram-se no poema “Fragmento Blues (A Langston Hughes)”⁹ do são-tomense Francisco José Tenreiro¹⁰, vate da poesia de São Tomé e Príncipe. É com a vitalidade destes versos que o sujeito lírico mostra todo o passado de superação das populações africanas e da diáspora, e perpetua a memória de nomes consagrados na emancipação dos povos contra os governos opressores, como o haitiano Touissant Louverture e o cubano Ernesto Che Guevara:

das vozes
guerrilheiras de el che e das suas imperecidas hostes
de camponeses índios mestiços negros e brancos
gretados pelo suão e pelo sol da revolução
movendo-se pelas américas sonhadas

por toussaint louverture antônio maceo
simão bolivar josé marti farabundo marti
e pelos decapitados inconfidentes de minas gerais
(ALMADA, 2010, p. 47)

A condição anafórica é retomada com a constatação virulenta do passado de dor e de resistência dos povos negros – “os povos negros não morreram / os povos africanos não pereceram / shaka” – e é adaptada conforme a rememoração intensa do narrador, indignado com as perdas culturais, contrário à assimilação ao fenótipo negro, “contra a aura corrupta da alienação / branqueadora da epiderme escura / saqueadora dos cabelos crespos / afuniladora das largas narinas / com o cívico alisamento dos cabelos” (ALMADA, 2010, p. 54). Por isso, o narrador exalta o guerreiro zulu, Shaka: “com a tua guerreira vitalidade / com a tua grande envergadura / de resistente africano / agigantando-se / nos tempos heróicos de outrora / estatuindo-se / nos tempos guerreiros de hoje (...) os negros não morreram / nem nunca morrerão / shaka” (ALMADA, 2010, p. 53).

Assim sendo, líderes pan-africanistas são evocados como Marcus Garvey e William Du Bois, personalidades políticas e músicos consagrados do jazz norte-americanos. Assim como a mulher negra Rosa Parks¹¹, famosa por ser recusar a ceder seu acento no ônibus a um homem branco, o que era lei no estado racista norte-americano do Alabama, em 1955. Sua atitude contribuiu para desencadear os protestos que culminariam nas lutas dos negros pela igualdade dos direitos civis nos EUA.

O épico encerra-se com uma belíssima homenagem a grandes artistas negros africanos e da diáspora, até atingir a promessa de um mundo menos racista com a chegada de Barack Obama à presidência dos EUA:

com os fervorosos sermões musicais
de joseph kabassele miriam makeba
fela kuty farka ali touré francis bebey (...)

com as rítmicas invectivas
de bob marley
e das suas *redemption songs*
e das suas *songs of freedom* ressoando
nos compassivos tempos de nelson mandela
nas pós-invernais estações nos redentores vendavais
nas promessas pós-raciais das esperadas
américas de barack obama
os povos negros não morreram
nem nunca morrerão

Sobre a biografia de Rosa Parks, consulte o sítio <http://www.rosaparks.org/bio.html>. Acessado em 15 de março de 2010.

shaka

os povos africanos não pereceram

nem jamais perecerão

(ALMADA, 2010, p. 60-61)

CONCLUSÃO

Após análise do poema épico “Australidades (na madrugada dos sons)”, atribuído ao heterônimo Erasmo Cabral D’Almada, de José Luis Hopffer Almada, constatamos a pertinência do pensamento pan-africano para os persistentes problemas político-sociais da África e dos negros na diáspora. O processo ininterrupto de discriminação racial desenvolvido no período do tráfico negreiro realizado pelos europeus e o deprimente período de colonialismo europeu no continente africano ao final do século XIX, ainda deixam o seu perverso lastro na contemporaneidade pós-colonial, em razão da exclusão intensificada pelas políticas neoliberais estrangeiras que não se preocupam em inserir os países africanos no atual modelo econômico de competitividade feroz e desumana.

Agora, como a África não se enquadra no jogo de interesses internacionais, na balança comercial vigente, servindo apenas para fornecer as matérias-primas necessárias de seu riquíssimo subsolo – “e rebrilham impávidos / o diamante o ouro o cobre / e outras pedras preciosas / e outros vis metais / e outros obscuros minerais / e outros cobiçados minérios / que infernizam as jornadas / e consagram a desgraça / de todas as adiadas alvoradas” (ALMADA, 2010, p. 37), é necessário que os ideais pan-africanistas sejam reformulados para se adaptar às novas formas de opressão que se apresentam no século XXI. Um dos caminhos que propomos para intensificar a luta seria a união da sociedade civil na diáspora africana e dos líderes das sociedades civis nos países africanos.

A incessante rememoração do poema proposto pelo narrador/griot auxilia-nos a termos dimensão do quanto o continente africano foi usurpado através dos séculos, quantas pessoas foram sumariamente mortas por defender uma vida justa e igualitária. Nada mais que isso, apenas o direito a uma vida sem as contínuas humilhações às quais os negros são obrigados a conviver até os dias atuais.

José Luis Hopffer C. Almada presta uma bela homenagem à África e aos negros da diáspora com este “Australidades (na madrugada dos sons)”, firmando-se como partícipe ativo da reelaboração da palavra poética cabo-verdiana, sobretudo, em língua portuguesa.

ABSTRACT

The relevance of the ideals of Pan-Africanism to think about contemporary Africa and the diaspora. Critical reflection on the history of the representation of African reality and its contradictions,

the recollection of past injustices and oppression which were submitted by the black population held a griot-storyteller. The Cape Verdean poetry as a space for critical recasting of history.

Key words: Jose Luis C. Hopffer Almada; Cape Verdean Literature; African Literature in Portuguese Language; History; Pan-Africanism.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, José Luis Hopffer C. *À sombra do sol* – Volume I. Praia: Voz di povo, 1990
- ALMADA, José Luis Hopffer C. *Assomada nocturna* (Poema de NZé Di Sant'Y'Águ). Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005.
- ALMADA, José Luis Hopffer C. *Praianas* – Revisitação do Tempo e da Cidade (Poema De Nzé Di Sant'Y'Águ). Praia: Spleen Edições, 2009.
- ALMADA, José Luis Hopffer C. O caso Amílcar Cabral. Disponível em < <http://www.liberal-caboverde.com/index.asp?idEdicao=64&id=17180&idSeccao=527&Action=noticia> >. Acesso em 30 mai 2008.
- DASKÁLOS, Maria Alexandre; APA, Lúvia; BARBEITOS, Arlindo. *Poesia africana de língua portuguesa* (antologia). Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.
- GABRIEL, Rui Guilherme. *Terceira* (G)Estação do Mundo Novo. Uma Leitura de “Praianas (Poema De Nzé Di Sant'Y'Águ)”. In: ALMADA, José Luis Hopffer C. *Praianas* – Revisitação Do Tempo e da Cidade (Poema De Nzé Di Sant'Y'Águ). Praia: Spleen Edições, 2009, p. 143-157.
- KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África?* Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- MAIA, Maria Armandina. *Assomada Nocturna: quando o passado reescreve o futuro*. In: ALMADA, José Luis Hopffer C. *Assomada nocturna* (Poema de NZé Di Sant'Y'Águ). Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005, p. 65-70.
- MATA, Inocência. *Corografias da memória: a lenta e transparente caminhada poética de NZé di Sant' y Águ*. In: ALMADA, José Luis Hopffer C. *Assomada nocturna* (Poema de NZé Di Sant'Y'Águ). Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005, p. 3-7.
- MOORE, Carlos. *Da África mítica à África real: para uma cooperação realista entre a África e a diáspora*. In: *A África que incomoda* – sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2009, p. 11-65.
- MUNANGA, Kabenguele. *Negritude: usos e sentidos*. Rio de Janeiro: Ática, 1988.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: volume III.** Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio da. **Consciência negra em cartaz.** Brasília: UNB, 2001.

VIEIRA, Arménio. **Poemas.** São Vicente: Ilhéu Editora, s/d.